

PROJETO CAMINHO AMIGO

Giovanna Grazielle Fernandes

Luiza Rizzo Mello

Marcelle Aparecida Santos da Silva

Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG

Orientadora: Ana Cristina Ribeiro Vaz

Co-orientadora: Isabela Carolina Faria de Oliveira

E-mail: anaribvaz2@gmail.com e belafario@gmail.com

RESUMO

Três alunas do oitavo ano de escolarização (Terceiro Ciclo de Formação Humana) participantes da Disciplina Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD) Clube de Ciências, propôs para a direção do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais, algumas ações que visam alertar e minimizar os problemas enfrentados pelos estudantes cadeirantes, seus professores e monitores no deslocamento e dia a dia dentro do espaço do CP/EBAP/UFMG. As estudantes planejam criar nos corredores, pátios, entre outros espaços da escola, com materiais confeccionados por elas mesmas durante as aulas do GTD Clube de Ciências (segundas-feiras, de 13h:10min às 14h:30min), um ambiente mais acolhedor para os referidos estudantes, que atualmente ainda estão no Primeiro Ciclo de Formação Humana. Tais materiais serão produzidos e colocados na escola na expectativa de alertar a comunidade do CP para os problemas de adaptação da escola ao receber esses alunos cadeirantes e no intuito de ajudar não somente aos referidos alunos, mas todos os educandos e demais pessoas da Comunidade Cepiana. As atividades são orientadas pela estudante da Graduação Isabela Carolina de Oliveira (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFMG) e supervisionadas pela Professora Ana Cristina Vaz. Com a intenção de se ter uma ideia de como o Centro Pedagógico está lidando com a inclusão dos alunos cadeirantes no espaço escolar, as alunas elaboraram, aplicaram e analisaram questionários que foram respondidos por professores do 1º e 2º Ciclos, Monitores do 1º Ciclo e Servidores Técnico-administrativos do Setor de Apoio à Saúde (SAS) e Multiprofissional. Após a tabulação dos dados, percebe-se que a grande maioria dos profissionais da Escola não tem o devido preparo para lidar com estudantes cadeirantes e que estão se deparando com uma nova e difícil realidade no âmbito da Educação Inclusiva. Para ampliar a acessibilidade dos estudantes cadeirantes as alunas pesquisadoras estão propondo melhorar a estrutura física dos espaços externos às salas de aulas e alertar a instituição sobre a precária acessibilidade desses alunos aos espaços da escola. Para isso cobrirão as rachaduras do chão dos corredores na tentativa de diminuir o desnível do solo e colocarão marcadores em locais estratégicos do prédio do Centro Pedagógico, junto com frases de sensibilização aos não cadeirantes. No segundo semestre as alunas pretendem, em alguns dos encontros do GTD, acompanhar a Professora de Atendimento Educacional Diferenciado (AED) nos encontros dela com os alunos cadeirantes do CP, no intuito de uma vivência solidária a realidade dessas crianças de inclusão. Espera-se que o trabalho consiga melhorar a acessibilidade dos espaços do CP e a sensibilização da comunidade do CP para construção de uma escola inclusiva e acessível.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão, Cadeirantes, Acessibilidade.

INTRODUÇÃO

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva, promulgada no Brasil em 2008, orienta a mudança dos sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos, com o acesso de pessoas com deficiência à escola comum (BRASIL, 1996; BRASIL, 2004; MEC/SECADI, 2008).

Marcelo Oliveira da Silva (2018) em seu estudo fala sobre as vantagens nas habilidades escolares e sociais, discutindo sobre o aprendizado de crianças com deficiência. Ele traz em seu trabalho a discussão de que para alguns autores a criança com deficiência deve estar na escola apenas para socializar. Enquanto que para outros autores, ela, mesmo que não consiga aprender todo o conteúdo, deve estar na escola para desenvolver habilidades acadêmicas e não somente sociais. Ele traz também que as escolas segregadas, ou seja, aqueles que atendem somente crianças com deficiências, são negativas por serem talvez mais um local de cuidado do que de aprendizado. De maneira que nesses locais segregados, os alunos com deficiência:

[...] recebem pouca educação útil para a vida real, e os alunos sem deficiência experimentam fundamentalmente uma educação que valoriza pouco a diversidade, a cooperação e o respeito por aqueles que são diferentes. Em contraste, o ensino inclusivo proporciona às pessoas com deficiência a oportunidade de adquirir habilidades para o trabalho e para a vida em comunidade (KARAGIANNIS; STAINBACK; STAINBACK, 1999, p.25).

O Centro Pedagógico (CP) pertence à Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Minas Gerais (EBAP/UFMG) e caracteriza-se como uma escola de tempo integral, com jornada diária de sete horas, atendendo estudantes do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Desde que o ingresso por sorteio público foi estabelecido na instituição em 1993, a escola recebe estudantes com deficiência e necessidades educacionais especiais. Porém, a partir de 2016 esse processo se tornou mais intenso, tornou-se obrigatória a reserva de 5% do total de 50 vagas disponibilizadas por meio de sorteio para ingresso no 1º ano do Ensino Fundamental a alunos com deficiência (RESOLUÇÃO nº 15, 2016). Essa nova realidade trouxe para a escola demandas específicas, principalmente no âmbito das mudanças e adaptações no espaço físico da escola para receber alunos cadeirantes. Porém, romper com as barreiras históricas, culturais e sociais em relação à inclusão de pessoas com deficiência é ainda algo desafiador. A escola, enquanto parte da rede de Colégios de Aplicação (CAPs), vem produzindo conhecimento sobre os processos envolvidos nas práticas da inclusão, considerando-se a importância de se promover a participação dos estudantes e garantir que todos tenham uma

permanência bem-sucedida e que atitudes positivas se manifestam na sensibilidade, na compreensão, no respeito e na convivência de forma confortável com as diferenças e as semelhanças (SILVA, 2018, p.109).

Seguindo os processos envolvidos na prática da inclusão, três estudantes do oitavo ano de escolarização (Terceiro Ciclo de Formação Humana) participantes da Disciplina Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD) Clube de Ciências, a partir de estudos e levantamentos de pesquisas feitos durante as aulas do referido GTD solicitaram para a direção do CP/EBAP/UFMG permissão para realizarem algumas ações que visam alertar e minimizar os problemas enfrentados pelos estudantes cadeirantes, seus professores e monitores no deslocamento e dia a dia dentro do espaço do CP/EBAP/UFMG.

As estudantes planejam criar nos corredores, pátios, entre outros espaços da escola, com materiais confeccionados por elas mesmas durante as aulas do GTD Clube de Ciências (segundas-feiras, de 13h:10min às 14h:30min), um ambiente mais acolhedor para os referidos estudantes, que atualmente ainda estão no Primeiro Ciclo de Formação Humana. Tais materiais serão produzidos e colocados na escola na expectativa de alertar a comunidade do CP para os problemas de adaptação da escola ao receber esses alunos cadeirantes e no intuito de ajuda não somente aos referidos alunos, mas todos os educandos e demais pessoas da Comunidade Cepiana.

OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho visam alertar e minimizar os problemas enfrentados pelos alunos cadeirantes, seus professores e monitores ao se deslocarem no ambiente escolar. O planejamento de projetos, elaboração de cartazes e alertas quanto aos problemas físicos dentro da escola podem contribuir para uma melhora e adaptações destes espaços. Espera-se que o trabalho consiga proporcionar uma inclusão total dos alunos cadeirantes quanto ao deslocamento e acessibilidade aos espaços em geral da escola e a sensibilização de toda comunidade do CP para essa realidade de uma escola inclusiva e acessível.

DESENVOLVIMENTO

No início das atividades do GTD Clube de Ciências as estudantes responsáveis pela elaboração e desenvolvimento do “Projeto Caminho Amigo”,

juntamente com a monitora Isabela, deram início à pesquisa, elaborando questionários que foram respondidos por alguns professores do 1º e 2º Ciclos de Formação Humana, Monitores do 1º Ciclo de Formação e Servidores Técnico-administrativos dos Setores de Apoio a Saúde (SAS) e Multiprofissional (APÊNDICE), na intenção de avaliar a demanda dos mesmos quanto à necessidade de melhorias no espaço físico da escola, formações e preparo dos professores e servidores, informativos, palestras e propostas de discussões quanto a nova realidade da inclusão vivida a pouco tempo no CP.

Após a tabulação e análise dos dados, as alunas em discussão com a Monitora identificaram que a maioria dos profissionais da Escola não tem o devido preparo para lidar com estudantes cadeirantes e que estão se deparando com uma nova e difícil realidade. Nesses questionários a intenção era entender se estes profissionais e professores já tiveram algum contato com a educação inclusiva em outros ambientes de trabalho, se têm algum preparo para lidar com esses estudantes e se esse preparo foi adquirido em seu processo de graduação, no próprio CP ou de forma individual.

Nove dos dezessete profissionais entrevistados dizem ter algum preparo para lidar com estudantes cadeirantes, mas a grande maioria diz que este preparo veio posterior à graduação e também não foram proporcionados pelo CP. Os respondentes que afirmaram ter tido contato em sua graduação com a questão da inclusão, relatam que ela foi abordada de forma bem superficial ou por um tempo curto. Alguns pontuam que:

Tive uma disciplina de libras, mas foi por pouco tempo para podermos dominar os sinais.
Tiveram um papel superficial as 2 disciplinas em minha graduação.
(Informações tiradas dos questionários)

Nas questões cujo objetivo era entender quais os principais problemas encontrados pelos respondentes ao receberem estudantes cadeirantes e de inclusão no CP, encontramos as seguintes respostas:

Mais acessibilidade, rampas de acesso e elevador em devido funcionamento.
Falta de acessibilidade e de estrutura física adequada.
Falta de recursos físicos e matérias de trabalho para com esses estudantes.
Adaptação e aquisição de materiais especializados.
(Informações tiradas dos questionários)

Quanto à disponibilidade e incentivo para formação e preparo de professores e servidores, informativos, palestras e propostas de discussões quanto à nova realidade de inclusão vivida no CP, encontrou-se um consenso geral entre os respondentes do que seja cada vez mais necessário:

É necessário reuniões com os profissionais que atendem os alunos cadeirantes fora da escola e com os professores que em anos posteriores já atuaram com os mesmo.

Preparo dos profissionais que vão atuar direta ou indiretamente com os estudantes.

Promover rodas de conversas e discussões sobre o assunto.

Incentivo a pesquisa na área da inclusão.

Capacitação dos funcionários.

(Informações tiradas dos questionários)

Através de pesquisas na internet, reuniões realizadas com a monitora e com a análise dos dados dos questionários aplicados, as estudantes entenderam a necessidade de alertar a comunidade do Centro Pedagógico para as mudanças do espaço físico devido a problemas estruturais que a escola tem ao receber alunos cadeirantes.

Dessa forma tiveram a ideia de elaborar alguns mini projetos. A primeira ideia para um projeto foi a partir de um estudo de campo feito pelas alunas por todos os espaços da escola, com o objetivo de analisar os problemas estruturais citados pelos profissionais entrevistados nos questionários.

As estudantes identificaram que no trajeto desses alunos cadeirantes havia muitas rachaduras no chão que poderiam proporcionar algum desconforto no deslocamento dos mesmos. Para estes problemas, as alunas tiveram a ideia de confeccionar massinhas, feitas com farinha de trigo, água, sal, óleo e corantes de várias cores no intuito de simular um cimento, cobrindo assim algumas destas rachaduras encontradas no caminho. A este mini projeto as meninas deram o nome de “PROJETO CURATIVO”.



Figura 1: Confeção da massinha para o Projeto Curativo. Fonte: acervo pessoal. Agosto de 2018.

Uma segunda ideia, também a partir da análise dos dados dos questionários tabulados e do trabalho de campo das estudantes ao andarem pela escola, foi a de alertar a todos da comunidade do CP, sobre os problemas de mobilidade de toda a estrutura da escola. As estudantes identificaram problemas maiores do que simples

rachaduras nos caminhos dos estudantes cadeirantes. Problemas maiores que podem acabar ocasionando uma exclusão mais significativa dos mesmos como: falta de acesso a andares superiores da escola, falta de rampa de acesso ao refeitório, falta de acesso a algumas salas de aula, pois em algumas delas ainda há somente degraus e, por fim, falta de um acesso comum a todos os alunos a uma mesma entrada e saída da escola. A entrada dos alunos cadeirantes foi adaptada a um local alternativo e distante da principal. A este projeto foi dado o nome de “PROJETO MAPS” e para sua realização foram confeccionados cartazes com frases de sensibilização e setas sinalizadoras, como o objetivo de mapear e identificar todos os problemas estruturais identificados.



Figura 2: Confeção de setas e placas sinalizadoras do Projeto Maps. Fonte: acervo pessoal. Agosto de 2018.

Por fim, como proposta de vivência das estudantes a questões relativas aos estudantes de inclusão do Centro Pedagógico, as três irão acompanhar a professora Andrea do Atendimento Especial Diferenciado (AED), em algumas de suas aulas com os dois alunos cadeirantes da escola, que hoje ainda se encontram no 1º Ciclo de Formação Humana.

Esse contato com os alunos em suas aulas no atendimento especial diferenciado vão proporcionar às estudantes pesquisadoras um entendimento maior e mais amplo da importância da inclusão, seus desafios e potencialidades.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a tabulação e análise dos dados dos questionários, percebeu-se que a grande maioria dos profissionais da Escola não tem o devido preparo para lidar com estudantes cadeirantes, e que estão se deparando com uma nova e difícil realidade

no âmbito da educação inclusiva. Entre os resultados analisados, destaca-se que os respondentes que tiveram a necessária preparação, esta foi realizada fora da Instituição CP e fora da Graduação como licenciados e pedagogos. Foi também apontado pelos respondentes a precária estrutura física do Centro Pedagógico para receber estes alunos cadeirantes, bem como as dificuldades de acesso e deslocamento pelo colégio. Tais resultados indicam a necessidade de a escola refletir sobre reformas estruturais urgentes, que inclusive já estão sendo providenciadas, como por exemplo, a construção da rampa de acesso ao refeitório, obra que ficou pronta em meados do mês de setembro do corrente ano. Importante destacar que Karagiannis et al. (1999, apud Silva, 2018) apontam que o desenvolvimento de relações saudáveis no ambiente escolar promovem nas crianças, sem e com deficiência, atitudes positivas.

Como a proposta do Projeto Caminho Amigo era a de ampliar a acessibilidade dos estudantes cadeirantes, as alunas pesquisadoras procuraram apresentar melhorias na estrutura física dos espaços externos às salas de aulas e alertar a instituição sobre a precária falta de acessibilidade desses educandos pelos espaços da escola. Com a proposta do Projeto Curativo, as alunas cobriram algumas das rachaduras do chão dos corredores da escola na tentativa de diminuir o desnível do solo e alertar para estes problemas.



Figura 3: Realização do Projeto Curativo. Fonte: acervo pessoal. Agosto de 2018.

Durante a realização do mini projeto “Projeto Maps”, as estudantes colocaram em locais estratégicos do prédio do Centro Pedagógico, os marcadores junto com frases de sensibilização e alerta aos não cadeirantes.



Figura 4: Colocação das placas e setas de sensibilização do Projeto Maps. Fonte: acervo pessoal. Agosto de 2018.

Percebe-se, até o presente momento, que o desenvolvimento do Projeto Caminho Amigo iniciou um movimento de inclusão dos alunos cadeirantes. Percebe-se ainda que as propostas de sensibilização através dos mini projetos – “Projeto Curativo” e “Projeto Maps” – quanto à necessidade de mudanças nos espaços físicos da escola para proporcionar deslocamento e acessibilidade adequados aos cadeirantes foram compreendidas pela comunidade do Centro Pedagógico.

O Projeto Caminho Amigo indica a importância de o ambiente escolar ser acolhedor para uma melhor convivência de todos e todas, apontando ainda sobre a necessidade de a escola tornar-se cada vez mais acessível e inclusiva para todos os seus estudantes, principalmente os portadores de necessidades educacionais especiais.

As estudantes autoras do presente trabalho pretendem continuar a desenvolvê-lo, não somente até a data de apresentação no evento 6ª Feira Brasileira de Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas (6ª FEBRAT – Outubro de 2018), mas até o final do ano letivo (Dezembro de 2018). Assim, espera-se que o CP tenha até o final do ano um ambiente físico cada vez mais acolhedor para os estudantes portadores de necessidades educacionais especiais, principalmente os cadeirantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 15 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Programa de Educação Inclusiva: Direito à Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

KARAGIANNIS, A.; STAINBACK, W.; STAINBACK, S. Fundamentos do ensino inclusivo. In: STAINBACK, S.; STAINBACK, W. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p.21-34.

MANTOAN, M. T. E. A educação especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar In: MANTOAN, E. T. Maria. (et al.). Pedagogia ao pé da letra. São Paulo: Universidade Federal de Campinas, Março 2011.

MEC/SECADI. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. 2008. Disponível em: <<https://centraldefavoritos.com.br/2017/09/06/politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva/>>. Acesso em Setembro de 2018.

MENDES, G. E. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil In: MENDES, G. Enicéia. (et al). Revista Brasileira de Educação, V. 11, N. 33. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, Set / Dez 2006.

RESOLUÇÃO No 15/2016, DE 09 DE AGOSTO DE 2016. Estabelece as normas do Processo Seletivo para ingresso, em 2017, no Ensino Fundamental do Centro Pedagógico-CP da UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/copeve/Arquivos/2016/cp_edital_ufmg2017.pdf>. Acesso em Setembro de 2018.

SILVA, M. O. da. A convivência entre crianças com e sem deficiência e o papel do professor na educação infantil. In: DA SILVA, O. Marcelo. (et al.). Revista Educação Especial, V. 31, N. 60, p.107-118. Santa Maria: Janeiro/Março de 2018.